

### EDITORIAL

“Pensar de outro modo para pensar o outro modo”  
(NOUSS, 2001, p. 66).

O nome da nossa revista, *Traduzires*, origina-se de uma dupla preocupação. De um lado, pensar o “entre”, no sentido de processo de tradução, i.e, o próprio fazer da tradução, no dizer de Meschonnic, o *traduzir*. De outro, subverter o sentido unidirecional oriundo das dicotomias tradicionais dos Estudos da Tradução: língua, texto, cultura de partida/língua, texto, cultura de chegada; identidade/alteridade; fonte/alvo; original/tradução, letra/espírito, o outro/o mesmo, significado/significante; etc. ... Pensamento dicotômico que sugere dois territórios distintos de linguagem, texto e cultura, em que um está sempre em posição de anterioridade, que logo se transforma em autoridade, em relação ao outro, criando um processo de tradução baseado nos critérios de apagamento do “Outro” e de culto ao original. *Traduzires*, no plural, para que o Uno deixa de ser Uno para ser o Múltiplo. Meschonnic nos lembra que:

À notre époque – et peut-être que seule la traduction comme terrain de pratique et de réflexion peut le montrer – on commence [...] à passer d’une opposition entre identité et altérité à la reconnaissance d’une interaction entre identité et altérité, telle que l’identité apparaît comme n’advenant que par l’altérité, par une pluralisation dans la logique des rapports interculturels.<sup>1</sup> (MESCHONNIC, 1999, p. 73).

Nesse sentido, o “e”, conjunção da tradução, não fecha a relação em uma estrutura de totalidade: ela marca, pelo contrário, uma abertura e uma interação possível entre dois termos, ou mais. Tal pensamento do “e” é oriundo da filosofia de Deleuze e Parnet, que diz que o “e” não é “ni une réunion, ni une juxtaposition, mais la naissance d’un bégaiement, le tracé d’une ligne brisée qui part toujours en adjacence, une sorte de ligne de fuite active et créatrice” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 16).<sup>2</sup> Pois, o “e” diferente do “é” (verbo ser), não fixa ontologicamente a substância transformando-a em essência. O “e”, diz Deleuze e Parnet, não é “une relation ou une conjonction particulières, il est ce qui sous-tend toutes les relations, la

---

<sup>1</sup> “Em nossa época – e talvez apenas a tradução como terreno de prática e de reflexão possa mostrá-lo – começa-se [...] a passar de uma oposição entre identidade e alteridade ao reconhecimento de uma interação entre identidade e alteridade, de maneira que a identidade aparece como advindo apenas pela alteridade, por uma pluralização na lógica das relações interculturais.” (Tradução nossa)

<sup>2</sup> “nem uma reunião, nem uma justaposição, mas o nascimento de um gaguejo, o traçado de uma linha quebrada que parte sempre em adjacência, uma espécie de linha de fuga ativa e criadora.”

route de toutes les relations, et qui fait filer les relations hors de leurs termes, et hors de tout ce qui pourrait être déterminé comme Être, Un ou Tout” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 71).<sup>3</sup> Esse “e” encontra sua manifestação linguístico-cultural na tradução. Ele rege a tradução e exemplifica seu processo, seu fazer. Diferentemente da teoria tradicional que, como lembra Nouss, costuma trabalhar com a conjunção “ou”: “Certes l’idéologie traductionnelle classique aime pousser des ‘ou... ou’ puisque le texte d’arrivée est censé remplacer le texte de départ, selon la terminologie courante – tous les transports, hélas, ne sont pas amoureux –, mais hurler avec les loups est condamnable, ici comme ailleurs” (LAPLANTINE; NOUSS, 2001 - verbete: tradução).<sup>4</sup>

As línguas/culturas se entrelaçam umas com as outras em uma relação de interdiscursividade que não se configura como relação de substituição (conjunção “ou”), mas enquanto relação histórica nascida de um encontro (conjunção “e”). Pois, traduzir, é lembrar aos leitores de uma determinada língua que é possível dizer o mundo de uma outra forma, com outro ritmo, com outras cores (LAPLANTINE; NOUSS, 2002).

Alice Maria Araújo Ferreira  
Editora  
Brasília, 21/12/2012

### Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996 (coll. “Champs”)

LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. *Métissage de Arcimboldo à Zumbi*. Paris: Pauvert, 2001.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *A Mestiçagem*. Tradução de Ana Cristina Leonardo, Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Verdier: Paris, 1999.

---

<sup>3</sup> “uma relação ou uma conjunção particulares, ele é o que acarreta todas as relações, o caminho de todas as relações, e que faz escapar as relações fora de seus termos, e fora de tudo o que poderia ser determinado como Ser, Um ou Tudo.”

<sup>4</sup> “Claro, a ideologia tradicional clássica gosta de bradar ‘ou... ou’ já que o texto de chegada é destinado a substituir o texto de partida, segundo a terminologia corrente – nem todos os transportes, infelizmente, são amorosos –, mas, uivar com os lobos é condenável, aqui como alhures.”